



maçã
do amor



Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários



A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

Carta da Editora

Conte-me uma História.

Abrir um livro de História talvez não seja a atividade favorita da maioria de nós, mas é impossível dizer que o passado não nos encanta. Seja pelos mistérios e segredos que se perderam nas areias do tempo, seja pela vontade de experimentar uma realidade diferente da nossa, os relatos de outros tempos funcionam como magia: nos cativam e nos fascinam.

Quem já não teve a curiosidade aguçada pelas verdades de *O Diário de Anne Frank*? Ou não se imaginou como um faraó do Antigo Egito? Ou mesmo inventou histórias envolvendo príncipes e princesas medievais? O passado permeia nosso imaginário, então não é de se surpreender que também esteja presente na ficção.

Nesta edição vamos embarcar em uma viagem para o universo da ficção histórica. Vamos de amores perdidos na guerra a amores de bailinhos. A cada amor, uma nova visão sobre como o momento pode marcar a experiência humana. A cada experiência, uma nova forma de aprender com o tempo.

Esperamos que esta edição te lembre uma aula História com o seu professor preferido. Aquela aula que você lembrará com carinho nos anos que se passarem. Esperamos que você aprenda, se divirta e se emocione com amores vividos em outras épocas.

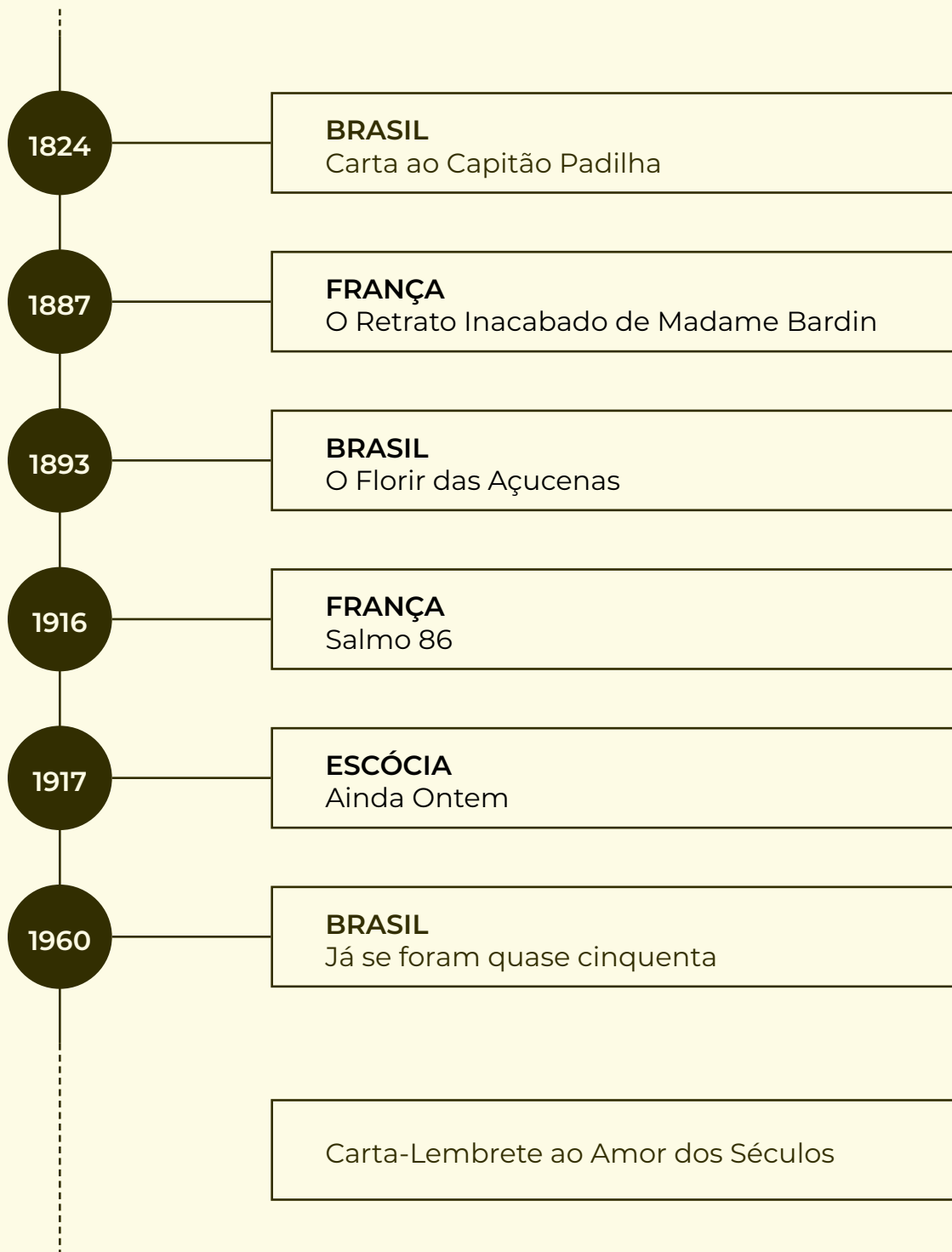
Luísa Scheid

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Ainda Ontem | 8 |
| T. F. Reynard | |
| Carta ao Capitão Padilha Encontrada nas Dependências de Sua Biblioteca em Minas Gerais | 16 |
| Amanda Fievet | |
| O Florir das Açucenas | 19 |
| Elisa Roveda | |
| Já Se Foram quase Cinquenta | 31 |
| Patricia de Campos Occhiucci | |
| Carta-Lembrete ao Amor dos Séculos | 34 |
| Nina M. P. de Britto | |
| Salmo 86 | 39 |
| T. F. Reynard | |
| Entrevista com Lari Macedo | 47 |
| Ana Ferrari | |



ЧАЙКА

КВАРЦ
СЕРИЯ 8 ПОСЛЕД



Ainda Ontem

AUTORIA T. F. REYNARD

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Patologista com sol em Gêmeos, ascendente em Câncer e tendência a falar muito sobre romances de época, poetas de guerra e a Primeira Guerra Mundial. Quando não está tentando entender algo no microscópio, está pensando sobre o que pode escrever. De vez em quando, se os astros estiverem alinhados, também desenha.



*(...) Pode o delírio noturno retomar
Carinho e sorrisos no passado esquecidos?
Pode o meu cérebro relembrar
A sua presença de anos passados?
Pode isso tão longe estar—
Ainda ontem, ainda ontem?*

— Siegfried Sassoon¹

Por algum motivo, Siegfried não questionou o uniforme quando se deu por si, mesmo sabendo que a guerra havia terminado há doze anos. Também não achou estranho o ar gelado ou a grama úmida sob as suas costas, apesar de se lembrar de ter ido dormir no calor, de pijama leve e em uma cama confortável na Sicília.

O que ele achou estranho foi virar e ver Wilfred Owen. Não que o outro homem destoasse dos arredores, pois ele sabia que Edimburgo estaria sempre ligado à Wilfred, mas porque o alívio e o temor que sentiu ao vê-lo não era o tipo de coisa que sentia na sua presença. Estar com Wilfred era confortável, sempre acompanhado de uma alegria sutil e fácil de ser interpretada como corriqueira. E talvez aquele fosse o normal, talvez Wilfred apenas o tenha feito se sentir confortável pela primeira vez na vida e aquele fosse o estado habitual de quem não se sentia acuado. Mas agora, ao vê-lo deitado ao seu lado e olhando o céu estrelado, Siegfried se sentia aliviado e surpreso, mas com medo de estender as mãos e perceber que ele não estava ali de verdade. Não era assim que ele se sentia perto de Wilfred, que era confortável, fácil e alcançável.

— Olhe! — Wilfred falou, erguendo uma mão enluvada e apontando para o céu. Uma, duas, três vezes um risco brilhante cruzou a escuridão. — Estão tão

felizes que estou indo embora que estão soltando fogos de artifício.

“O céu está chorando com estrelas”, Siegfried pensou, mas se recusou a falar alguma coisa. Wilfred só estava indo para Scarborough, não de volta para o continente. Um pouco mais ao sul, um pouco mais próximo da guerra por sua localidade litorânea, mas ainda na Grã-Bretanha. Havia a chance de Siegfried voltar para as trincheiras antes de Wilfred.

— Não seja tão cheio de si — disse Siegfried, forçando uma risada. — O universo não faz uma chuva de meteoros apenas em sua homenagem. Além do mais, elas são muito *rápidas*.

— O que quer dizer?

— Que você merece algo mais duradouro — ele falou. — Você vai ter algo mais duradouro.

— Vou?

— Vai. Eu vou fazer o que for preciso para ter certeza disso. Você vai ser como aqueles cometas que voltam de tempos em tempos e todo mundo sabe o nome e espera para ver no céu.

Wilfred sorriu e se virou até estar deitado de lado, as mãos agarradas uma à outra sob o queixo. Siegfried imitou o movimento para poder olhá-lo melhor e estendeu uma mão, tocando o rosto dele e sentindo a contração dos músculos nas bochechas que formavam o sorriso.

— Existem cometas binários? Como as estrelas binárias? — Wilfred perguntou, inclinando um pouco o rosto para que a palma do outro homem o tocasse por completo. — Se sim, você poderia ser o segundo cometa do sistema.

— Eu só apaguei as luzes e aponte para o céu para que pudessem ver você. — Siegfried deixou a mão escorregar pelo rosto de Owen até as pontas dos dedos alcançarem o seu queixo. — Você sempre foi um cometa louco e logo vai sair por aí em uma órbita só sua.

Siegfried sentiu o toque quente dos lábios do outro homem em seus dedos. Quando Wilfred voltou a erguer o rosto, foi para olhar o céu estrelado novamente, antes de se aproximar e se amoldar ao corpo de Siegfried.

Estava frio, mas o calor dos corpos um contra o outro era suficiente para afastar o desconforto. Do outro lado do Canal da Mancha, o caos reinava e homens morriam, mas ali só havia as estrelas e a tranquilidade de estar na companhia de alguém que o conhecia, a paz de descartar uma máscara na companhia de outra pessoa.

— Queria ter mais tempo — Wilfred falou, uma mão subindo e descendo pelo braço de Siegfried e a cabeça encaixada embaixo do queixo dele. — A gente deveria ter mais tempo.

— Somos uma geração sem tempo, não somos? — Siegfried murmurou e afagou os cabelos curtos e bem penteados na nuca do outro homem. — Só temos tempo quando estamos sentados no meio da lama, esperando alguém decidir o que temos que fazer.

— Ou quando estamos internados em um hospital psiquiátrico — Wilfred suspirou. — Uma geração sem tempo e nem escolha.

Siegfried respirou fundo. Ele havia ido parar em Craiglockhart exatamente em uma tentativa frustrada de fazer uma escolha: se recusar a voltar para a guerra. No fim das contas, a sua escolha consistia apenas em abdicar da chance de tomar decisões. Ele ficou de castigo por alguns meses, antes de outras pessoas voltarem a decidir por ele o que ele teria de fazer.

— Você acha que algum dia alguém vai saber? — Wilfred perguntou. — Sobre hoje a noite? Sobre os últimos meses?

— Você quer que saibam que você escorregou em uma pilha de folhas secas enquanto dançava num bosque no frio? — Siegfried perguntou e sentiu o corpo do outro homem chacoalhar com risadas. Ele havia se esquecido de que foi assim que eles acabaram deitados no chão do bosque do hospital: eles estavam felizes e levemente bêbados, o céu estava claro, havia uma chuva de meteoros e a euforia do momento os fez dançar e rir, até Wilfred escorregar e decidir que aquele era um bom lugar para continuar observando o céu.

— Eu gostaria que soubessem que eu fui feliz aqui. Apesar de tudo. — O homem se afastou um pouco, apenas o suficiente para poder erguer o rosto e olhar Siegfried nos olhos. — Eu gostaria que soubessem como eu fui feliz sabendo que eu

te amei como nenhum outro homem ama por muito tempo.

— A gente não vai poder falar isso — disse Siegfried. — Mas quem sabe um dia saibam. De algum jeito. Quem sabe se lembrem de nós não só pelas listas dos mortos nas igrejas. Quem sabe, em outro momento, se lembrem de nós pelo que sentimos além de medo e ódio.

Wilfred sorriu, os olhos escuros brilhando sob o céu estrelado. Seria uma pena que, no futuro, as fotos dos livros dele não teriam aquele sorriso, mas a expressão contida de um retrato militar.



Siegfried estendeu uma mão e sentiu a seda macia sob os seus dedos, quente sobre a pele de alguém. Ele deixou a mão escorregar até alcançar um rosto, sentindo a pele macia de uma bochecha, o dorso de um nariz, a maciez de lábios... Um rosto limpo e macio, quase sem a aspereza da pele barbeada.

— Siggy... o que foi?

Ele abriu os olhos. O rosto que o encarava de volta, sonolento, era diferente daquele que ele havia visto sob a chuva de meteoros em Edimburgo há poucos (ou seriam muitos?) segundos. Mais elegante e jovem, intocado pela memória de uma guerra ou de Craiglockhart. Uma geração a mais e ele e Wilfred seriam daquele jeito, escapando por um triz das trincheiras e tendo tempo para fazer o que quisessem.

Como se ainda estivessem se agarrando a ele, algumas palavras do sonho se repetiam na mente de Siegfried. Ele se lembrou, então, de que ele nunca havia comparado Wilfred com cometas e que nenhum dos dois havia falado, em alto e bom tom, sobre o amor compartilhado nos meses de internação. Aquelas palavras haviam sido colocadas no papel pelo próprio Owen em uma carta. *“E sabíamos que havíamos amado um ao outro como nenhum homem ama outro por muito tempo”*, ele havia escrito e Siegfried passara a ansiar pelas suas cartas, vindas primeiro de Scarborough e, depois, da França. Até elas pararem.

— Nada. Desculpe, Stephen — ele murmurou, acariciando o rosto do outro homem e o sentindo sorrir sob os seus dedos, como Wilfred havia sorrido no so-

nho. — Volte a dormir.

— Escrever aquele seu livro está te deixando inquieto — Stephen falou, riu pelo nariz e puxou o outro homem para si, aninhando a cabeça dele contra o seu peito e acariciando seus cabelos. — Você remexe demais as memórias... Não me surpreende que esteja tendo pesadelos.

— Não foi um pesadelo — ele sussurrou e sentiu Stephen suspirar ao seu lado. — Você não tenta voltar para um pesadelo.

— E você quer voltar para o que estava sonhando?

— Sim.

— Era sobre a guerra?

— Sim — ele respondeu, antes de se corrigir: — Não. Era no tempo da guerra, mas não era a guerra.

Siegfried engoliu o resto da fala: *“Era sobre alguém que conheci durante a guerra e para quem queria voltar”*.

— Era algo que está nos seus diários?

— Sim. — A internação em Craiglockhart estava registrada em vários diários e ele os havia lido para Stephen. Não era segredo. Ele estava até planejando um livro sobre aquela parte. Ele continuou antes de mudar de ideia: — Era sobre alguém. Um amigo de quem sinto falta.

— Um amigo? — Os dedos de Stephen pararam de acariciar os seus cabelos. — Apenas amigo?

— Foi tudo o que deu para ser na época — Siegfried suspirou e se deixou afagar as costas do outro homem, se deliciando com a sensação da seda sob os dedos e desejando que pudesse estar tocando diretamente na pele sob o tecido. Se ele pedisse, Stephen atenderia ao seu desejo, mas estava tarde e eles estavam cansados e, se fosse sincero consigo mesmo, não era Stephen Tennant que ele queria naquele momento. — A minha geração não teve o mesmo tempo que a sua.

— Você está tendo agora.

Siegfried sorriu contra o peito do rapaz. Talvez aquilo fosse a coisa mais encantadora de estar com Stephen: tempo. Tempo para flertar, para se conhecerem,

para entender como cada um funcionava. Tempo para se apaixonar e deixar de estar apaixonado e se apaixonar de novo, repetidas vezes. Tempo para ficar excitado e entediado e de aprender que o tédio era tão adorável quanto o desespero dos recém-apaixonados. Tempo para olhar para trás e saber que eles haviam durado mais do que a fase de lua de mel e que, se tudo desse certo, eles poderiam durar ainda mais.

— De qualquer jeito, já faz tempo que a guerra acabou — Stephen falou, apertando o outro homem contra si. — Tente dormir, sim? Amanhã temos o dia cheio e aposto que você vai querer passar a noite toda escrevendo de novo.

Siegfried fechou os olhos e respirou fundo na tentativa de se perder no cheiro dos cremes, do pijama e da pele de Stephen Tennant. Não era Edimburgo, Wilfred Owen estava morto e havia coisas que Stephen nunca entenderia: ele nunca saberia qual era o cheiro de lama e sangue e podridão, nunca ouviria o som de homens atormentados pela própria mente no meio da noite e nunca transformaria suor em poemas junto de Siegfried. Stephen trazia o cheiro de perfumes e o toque de seda, colocava para tocar músicas bonitas as quais ele dançava para Siegfried, o ouvia reler diários e revisar manuscritos, mostrava desenhos de flores e animais e brigava quando percebia que mais atenção estava sendo dada a poemas e livros do que a ele. Mas Stephen também o conhecia e não havia a necessidade de fingir perto dele: se Stephen era extravagante e birrento e adorável, ele aceitava que Siegfried fosse infantil e cabeça dura e apaixonado.

Talvez, depois do que não foi com Wilfred, a única coisa que importasse agora fosse o carinho. Talvez, Siegfried pensou enquanto esfregava o rosto do pijama de seda até sentir a pele macia do outro homem no colarinho aberto, ele só quisesse as coisas bonitas e gentis, as extravagâncias, as brigas quase supérfluas e a exaustão de um relacionamento longo.

Ainda assim, havia parte dele que pertencia somente a Wilfred Owen e ele a alimentava com eventuais sonhos e memórias, com poemas e cartas antigas, com o trabalho de editar os poemas de Wilfred para que fossem colocados no mundo. Ele tentava compensar o tempo que eles não tiveram, arrancado deles pela guerra e pela bala que levou Wilfred uma semana antes do Armistício, com o tempo pas-

sado selecionando e editando os poemas do falecido e, depois, com o tempo que passava ouvindo as pessoas elogiando o trabalho dele.

A saudade, pensou Siegfried quando finalmente sentiu o sono voltar e ameaçar levá-lo de novo para a Edimburgo de treze anos antes, era muito mais duradoura que uma chuva de meteoros.

¹ “*While I seek you far Away*”, publicado na coleção “*The Heart’s Journey*” em 1928. Tradução livre.

Carta ao Capitão Padilha Encontrada nas Dependências de Sua Biblioteca em Minas Gerais

AUTORIA AMANDA FIEVET

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Amanda consome no desjejum apenas café: pelando, e sem açúcar. Gosta de filmes e novelas antigos, que atiçam sua imaginação desde criança. Adora dias chuvosos, mas aprendeu a amar o calor do Brasil.



[Rio de Janeiro, fim de março de 1824.]

Caro Capitão Padilha,

Temo a diligência não ir presto o bastante para interromper o curso de teus pensamentos, e o galope dos vinte e oito cavalos, cujos cascos estalam, pedregosos, em teu peito.

Quisera eu não ter agido tão cismada e inconsequentemente em meus jogos pueris, tão dominada pelo intento de subverter a rotina, suspender por um segundo tua autoridade sobre mim, até arder como um trago de aguardente.

Tu me olhavas de teu lornhão, capitão, e se fendiam precipícios sob mim, eu cambaleava, zonzá entre as tuas miradas, me segurava entre os arvoredos, então não via, por um momento, as salamandras que me insuflavas.

Agora tu te foste. Voltarias, tu, se convocasse, para ti, o mavioso exército de minhas vísceras?

Deveria convocar a coluna encarnada da minha garganta por onde perambulam borboletas, deveria convocar meu ventre trespassado por ruídos, a cabeça onde martelam dores e vozes, deveria convocar a língua: agora mil e uma línguas em mim se põem a marchar um zigue-zague em minhas veias, impelindo dedo afora estas frases que, embora timoratas, escorrem, esculpem um sulco, se alinham para antes da tempestade ainda te alcançar.

Deixo que sigam, cardumes em teu encalço. Acaso impediriam Bóreas de soprar em teu rosto? Impediriam o azul hiperbóreo de rebentar em cascatas cinzas sobre nossas cabeças?

Adeus, tua,

Maria das Dores



O Florir das Açucenas

AUTORIA ELISA ROVEDA

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Elisa é uma jovem gaúcha apaixonada por suas tradições, pela literatura, escrita, filosofia, cinema, música e em usar as palavras para encantar as pessoas.



— Volta, volta pra mim! — ela sussurrou em seu ouvido para que os outros não escutassem.

Ele podia escutar de novo e de novo aquela voz em meio ao silêncio. Quando voltaria? Quando poderia de novo tocar o rosto macio de Rosário e beijá-la? Quando, enfim, pararia de ver tanta crueldade, tanta destruição e tanta morte? Quando cumpriria a promessa que fez a ela?

Segurou forte a medalhinha de Santa Rita de Cássia por entre os dedos. O vento soprava em suas costas e balançava os galhos do cambará em que ele apoiava as costas enquanto tentava dormir. Fechou os olhos, imaginando a estância. O campo verde que se perdia no horizonte, o velho casarão de carvalho com a enorme figueira em sua frente, o gado pastando solto, o cheiro do almoço vindo da cozinha e Rosário debaixo da sombra da figueira, sorrindo com aquele vestido branco bordado de flores verdes a balançar com o vento.

Ultimamente, vivia se perdendo em lembranças. A guerra parecia que nunca mais findaria. Como tinha sido a primeira conversa com Rosário sobre a guerra mesmo? Talvez tenha sido há uns dois anos atrás, em um dia de verão.

— Estão dizendo que vem guerra por aí — ele dissera enquanto estava encostado na figueira em frente ao casarão no verão anterior à sua partida.

— Aqui no Rio Grande sempre falam de uma guerra que vai vir. Vocês homens só pensam nisso — Rosário respondera.

— Ouvi teu pai falando que se Júlio de Castilhos voltar ao poder vai ter revolta. Gaspar Silveira Martins vai comandar essa revolução contra a República e que alguns uruguaios manifestaram apoio. E podes ter certeza de que vou fazer o que for preciso pra defender a República.

— Tu? Tu és um peão de estância, Antenor — dissera ela, saindo de baixo da

sombra da figueira e indo se debruçar no portão de madeira do galpão.

— Sou, mas o coronel gosta muito de mim e me leva junto. Ele vive a falar de quando lutou na revolução farroupilha.

— Meu pai é só um pequeno estancieiro, que cria gado no meio do nada. Olhe para essas sesmarias ao nosso redor, Antenor! Esses homens sim tem poder, é a eles que a guerra favorecem. — Ela olha para dentro do casarão como se o pai pudesse escutá-la. — Além do mais, a revolução farroupilha foi há muito tempo.

— Por isso mesmo, está tudo *muy* quieto por aqui.

— Quer dizer, então, que meu pai gosta muito de ti? — perguntou ela tentando mudar de assunto.

— Não mais do que tu gostas de mim, é claro.

Ela sorria sem falar nada.

— Um dia, eu me caso contigo. Vou até te contar como vai ser — dissera ele, abraçando-a. — Vamos nos casar na capela aqui mesmo da estância, tu vai usar um vestido branco, uma fita mimosa no cabelo e... — dissera ele pegando açucenas do canteiro de flores. — Vai ter um belíssimo buquê de açucenas, e eu vou estar com um par de botas novas bem lustradas. Depois vai ter uma festa grande, com um churrasco aqui embaixo da figueira e vamos dançar assim...

Ele a tomara pela cintura e a fizera dançar.

— Eu quero música também. Dançar sem música é coisa de louco.

— Vai ter tudo o que tu quiser, minha prenda.

— Mas só quando voltares dessa guerra, com medalhas enfeitando o teu peito, é que vou decidir se aceito ou não.

Havia prometido que voltaria e, desde criança, aprendera que promessas são sagradas. Algum dia voltaria, mas esse dia não seria hoje. Fechou os olhos, tentando amenizar a saudade, Já estava escurecendo, os outros homens estavam também pelo campo; alguns machucados, outros reunidos cortando fumo e proseando. Antenor se encontrava sozinho e cansado. Cansou-se de pensar em tudo, por fim adormeceu.

Antenor e Rosário se conheciam há muito tempo, quando o pai de Antenor morrera e sua mãe arrumara um emprego na estância de um rico estancieiro. Lá ele conhecera a filha do Coronel, dono da estância.

Ela andava sempre com a barra do vestido suja de terra, descabelada, e com uns olhos verdes grandes que carregavam curiosidade de ver o mundo, de provar, de sentir, de correr e correr sem ter pra onde ir. Rapidamente viraram amigos. Brincavam com o gado de osso, subiam nas laranjeiras, roubavam bolachas da cozinha pra comer antes do jantar e sempre, em todos os momentos, brigavam. Se um pegava uma folha do chão, o outro queria porque queria, e assim os dias se passavam enquanto brincavam e discutiam.

Não há nada que não seja perecível e a infância também não havia de ser. Cresceram de tal forma que a barra das saias e os vestidos de Rosário começaram a se manter limpos.

Não foi difícil se apaixonar e, como toda paixão, essa nasceu por nenhum motivo que pudesse ser colocado em palavras. Antenor não sabia de que forma ou quando se apaixonara por Rosário e também não sabia que as paixões nascem aos acasos, nascem de ideias, de olhares, de toques, nascem de mil formas distintas dentro de quem se perde nelas.

Antenor aprendera a ler com Rosário. Quando ela pegava em sua mão e o fazia desenhar letras que ele nem sabia quais eram, seu coração batia forte ao sentir a maciez da mão dela.

Aos poucos, percebia como Rosário se dava bem com a vida. Sim, era esse o grande motivo pelo qual buscava cada migalha de esperança, cada migalha que demonstrasse que ela gostava dele. Amava o jeito que ela amava a vida: sorria por tudo, era gentil e tinha sonhos. Não os sonhos que Antenor conhecia, aqueles que tinha quando dormia e eram sem pé nem cabeça. Eram sonhos que ela tinha acordada, como explicara a ele.

— Quero mesmo é viajar! — confessou a ele.

— Quando?

— Quando eu não sei bem, mas quero conhecer o mundo lá fora, as cidades grandes, o mar... Ah, sempre sonhei em conhecer o mar.

— Sonhou de noite? Ou aquele outro sonho que tu me explicou?

— O outro tipo de sonho, aquele em que a gente deseja muito uma coisa, lembra?

— Claro que sim, não sou criança — falou ele, ficando bravo, tinham treze anos nessa época.

O mar. Ela lhe explicara o que era o mar e que ele cercava o mundo. Mostrou a ele todas as coisas bonitas que havia nos livros; como um desenho do mar, que era com certeza o maior rio que ele vira em toda a vida. Mostrou a ele as bonecas, perfumes, laços e uma medalhinha que ela nunca tirava do pescoço, com a imagem de Santa Rita de Cássia, que o pai trouxera da capital e dera para ela de presente.

Ela havia mostrado tudo de mais precioso e bonito que tinha. E ele? Ele não tinha nada a mostrar. Lembrou-se, então, das flores que a mãe cultivava no canteiro em frente ao chalé. Levou pra ela um ramo de açucenas brancas de presente de aniversário.

— Não é grande coisa, mas foi a coisa mais bonita que achei.

Ela ficou tão feliz. Nunca tinha visto aquele tipo de flor, e até perguntou se elas não fariam falta a Antenor.

— Quer ser meu namorado? — pediu ela depois.

Ele não respondera, um calor subiu e ele achava que fosse morrer. E então ela dera um beijo em sua bochecha.

— E a gente faz o quê?

— Quando a gente for adulto a gente vai se casar, ué!

Quando Rosário fez quinze anos, foi junto com a irmã mais velha estudar em um internato em Porto Alegre. O ano de separação custou a passar para Antenor. Ele começou a trabalhar com o gado e a cada dia mais ficar próximo do coronel. Foi durante esse mesmo ano que ele perdeu a mãe.

Rosário escrevia sempre, contava das coisas lindas, das modernidades, dos

passeios, dos livros que lia, das belas músicas que conhecia e sobre as pessoas com quem fizera amizade. E ele não tinha nada de especial para contar a ela. Parecia que a cada dia que passava a vida se fazia mais e mais vazia.

Na estância, Antenor quase sempre andava sozinho. Os dois outros peões cuidavam do gado, enquanto ele cuidava dos cavalos. À noite, ia para a casinha onde morava com a mãe, depois que ela se fora, tudo havia ficado muito mais vazio lá dentro. Ele esquentava a cambona, tomava um mate ou dois e depois ia dormir. E assim acordava e fazia tudo de novo outra vez. Não conversava muito com os patrões, porque sabia que a única que o via como igual era Rosário, e ela não estava mais lá.

Até que, um dia, Antenor mal pôde acreditar no que leu no final da última carta que ela mandou, que dizia: “Resolvi voltar pra casa e irei logo, pois tenho saudade”.

Rosário voltou como prometera e, assim que eles se encontraram, ela correu até ele e o abraçou apertado. Antenor sentiu como se não houvesse passado nenhum dia. Depois daquele abraço, não teve o que os separasse. Não precisou de nenhum olhar, ou toque, ou ideias. O amor, esse não precisa de nenhum acaso, pois era o próprio destino.

Antenor acordou assustado, alguém chegou no acampamento gritando.

— A guerra acabou! Ganhamos! Viva a República!

Parecia que era um sonho. Não sabia ao certo qual dos tipos de sonho era; se estava dormindo ou se estava desejando tanto algo. Soube, então, que era real, finalmente entendeu Rosário e o sentido de seu amor por seus “sonhos”, pois agora estava realizando o seu, finalmente ele podia voltar para casa. Finalmente podia voltar para ela.

Voltou o mais rápido que pôde. A ânsia de voltar pra casa pulsava dentro dele. Juntou os poucos pertences que ainda tinha; as roupas surradas, um punhal que ganhara de um companheiro de guerra e a medalhinha que Rosário entregara a ele. Partiria no outro dia pela manhã, queria ir agora mesmo, na verdade queria nunca ter ido.

— Por favor, não vá, é tudo que eu te peço!

A lembrança da voz de Rosário ecoou em sua cabeça. Rosário tentara convencê-lo de que aquela ideia era absurda assim que soube que a guerra havia começado.

— Não pode me pedir isso.

— Vai me deixar sozinha aqui?

— Tu teve a chance de conhecer o mundo, ficou um ano em Porto Alegre e não pedi pra que não fosse.

— Mas eu não fui pra uma guerra!

— Eu preciso ir, preciso lutar por algo!

— Fiquei e lute por nós. — Ela pegou em suas mãos e as apertou. — Eu não posso te deixar ir e saber que algo pode acontecer. Eu te amo.

— Sinto muito. — Ele soltou as mãos dela.

— Achas que precisa fugir de tudo e vai encontrar a própria paz interior? Tenho pena que pense que uma guerra vai te tornar um herói ou alguma coisa do tipo. Pena em aches que a bravura vai te fazer mais feliz.

Ele ficou em silêncio e Rosário não disse uma só palavra mais. Ele se retirou de perto, pegou a mala que tinha embaixo da cama, não tinha muito o que levar, algumas roupas, a velha garrucha que ganhou da mãe e todos os cobres que ganhara na estância. Antenor arrumou as coisas e pegou o cavalo que o coronel lhe deu.

Os pais de Rosário se despediram dele, mas ela não. Já estava pronto para partir quando ela saiu correndo de dentro do casarão.

— Espera, Antenor! — ela se aproximou e pediu pra que ele abrisse a mão.

Ela tirou a medalhinha de Santa Rita de Cássia do pescoço e pôs nas mãos dele.

— Não posso aceitar, ganhaste do teu pai.

— Então, traga ela de volta pra mim senão eu nunca mais vou perdô-lo.

— Não, e se eu a perder?

— Tu é a coisa mais importante que eu tenho. A minha santinha, a santa das

causas perdidas, vai te trazer de volta pra mim.

Ela o beijou e falou em seu ouvido:

— Volta, volta pra mim!

— Eu prometo, prometo que vou voltar! — disse ele antes de partir.

Agora sabia que besteira havia feito. De nada valeriam as medalhas no peito se Rosário não o amasse mais. Quanto tempo desperdiçou? E para quê? Para mostrar a Rosário suas honrarias e que todos o respeitavam e admiravam? Esse nunca foi seu sonho, seu sonho era ela. Que tolíce a sua, em não admitir isso.

Fez o cavalo ir o mais rápido que podia, logo poderia ver o casarão. O corpo doía inteiro, sentia fome e sono. Queria abraçar Rosário com força, e depois carregá-la casarão adentro e dizer que a amava.

Desceu de seu cavalo, faltavam poucos passos para chegar na subida da colina. Começou a correr e quando chegou foi diminuindo e diminuindo o passo.

Não havia ninguém lá. Não havia nada lá.

O casarão foi reduzido a cinzas. A grossa madeira não existia mais. Da figueira só um pedaço do tronco sobrevivera às chamas. O portão havia sido quebrado. A guerra tinha chegado em seu sonho e o destruído.

E ali, bem perto de seus pés, o amado canteiro de açucenas de Rosário estava pisoteado. A guerra tinha acabado há uma semana, mas a estância fora destruída a menos de dois dias, já que o que restara do casarão ainda era brasa que queimava lentamente. Provavelmente os maragatos assaltaram o casarão para roubar o gado. Por pura crueldade; destruíram tudo. Se ao menos ele tivesse vindo mais rápido ou se nunca tivesse ido, sua amada Rosário estaria ali no portão, o esperando.

Queria tanto dizer que a amava e agora nunca mais poderia.

Não soube dizer quanto tempo ficou lá em meio às ruínas, pensando em Rosário e o que fizera com ela, o quanto havia sofrido. Pensou até quando já não podia mais pensar, chorou até que já não tinha mais lágrimas, se levantou e foi embora.

O que poderia fazer? A única coisa que ele amava estava morta. A única coisa que dava sentido a sua vida. O que ele poderia fazer a não ser viver uma vida

sem sentido?

E foi o que fez. Foi de cidade em cidade, morando de fazenda em fazenda, domando cavalo, cuidando do gado, plantando, colhendo... O tempo costuma passar mais rápido quando não se espera algo. Desse jeito, os anos se passaram.

Teve outras paixões, todas elas passageiras, mas nenhum outro amor.

Sonhava de tempos em tempos com Rosário, sonhava que ela lhe cobrava a promessa. Outras vezes, sonhava com o ataque à fazenda, sua cabeça criou o cenário, os gritos, a porta caindo, os homens armados entrando, buscando dinheiro e então acordava assustado e segurava forte a medalhinha que carregava no peito. Todas as histórias que ouvira sobre os assaltos que os maragatos faziam, a brutalidade; matavam por diversão. Respirava fundo e voltava a pensar em sua doce Rosário. Talvez ela o tivesse perdoado, mas ele nunca se perdoaria.

Olhava agora para as botas cheias de barro sujando a madeira do chão. Seu único companheiro era seu cavalo, o alazão que era do coronel, e, um dia, quando passava por uma cidadezinha para chegar até Bagé, o cavalo velho adoeceu e acabou morrendo. Refletia o que haveria de fazer, sem muito dinheiro, sem o cavalo para seguir viagem e sem serviço certo. Perguntou aos homens, que também estavam bebendo ali no pequeno bolicho, se eles conheciam alguma estância que estivesse empregando.

Então, um homem lhe disse que havia uma estância que estava procurando um domador para um potro xucro que tinham comprado. Antenor pediu o nome e onde era a estância.

— Santa Rita de Cássia — disse o homem e depois explicou como chegar lá. Ele agradeceu e deu de abas no chapéu.

Apertou a medalhinha contra o peito, de certo em algum lugar alguém estava olhando por ele.

O sol já estava caindo quando Antenor chegou. A estância era toda cercada por uma taipa de pedras, as gramíneas balançavam suavemente com o vento e alguns homens desencilhavam os cavalos junto ao galpão.

— *Buenas*, cheguei a pouco no povoado e me falaram que aqui precisavam

de um domador nesta estância.

— O patrão tá procurando mesmo, ele deve tá dentro de casa.

— Antenor! — gritou alguém.

Ouviu vindo de longe, conhecia aquela voz.

— Rosário? — Virou-se. Só podia ser ela. Tinha que ser ela.

Ele a viu sorrindo na varanda da casa, ainda continuava igual. Pensou em correr e pegá-la nos braços. *Viva*. Ela estava viva.

— Antenor — ela repetiu.

Os olhos dela, já havia esquecido como eram bonitos aqueles olhos.

Mas de repente o encantamento se desfez quando ele percebeu que não era com ele que ela falava.

— Vai se sujar assim! — falou ela ao menino que brincava junto à taipa de pedra.

Nada fez muito sentido, suas pernas ameaçaram falhar, de repente percebeu que havia chegado tarde demais. Aquela era a nova vida de Rosário e sua família. Ela estava viva e tinha um filho, certamente havia encontrado outra pessoa. Um nó subiu em sua garganta, ele se virou, precisava sair dali.

Caminhou o mais rápido que pôde, não poderia se intrometer na vida dela, tantos anos haviam se passado, ela tinha formado sua própria família. Ele havia errado e agora não podia mudar as coisas.

Ele escutou passos o seguindo. Ela o havia visto.

— Espere! Antenor, eu não acredito.

Ela se jogou em seus braços e o abraçou.

— Eu te procurei tanto, de cidade em cidade, coloquei até notas no jornal.

Durante tantos anos...

Rosário não havia mudado quase nada, ainda era a mesma menina de olhos curiosos, agora cheios d'água.

— Me desculpe por estar aqui. Eu... Eu não sabia que essa estância era sua. Preciso ir...

— Do que está falando? Vai pra onde? Não pode ir agora que voltou.

— Eu achei que tinhas morrido, a estância estava destruída. Passei de lugar



em lugar, e nesses fins mundo eu não li jornal nenhum.

— Eu estou aqui e te esperei. Eu nunca desisti, sempre soube que ia te reencontrar.

O menino veio correndo e se agarrou à barra da saia dela.

— Escuta aqui — disse ela ao menino. — Esse aqui é o Antenor, tem o mesmo nome que o teu, ele lutou na guerra, sabia?

— Na guerra? — perguntou o menino, espantado.

— Ele te conta tudo depois, vai pra cozinha com a Benta que logo a madrinha já vai.

O menino saiu correndo e voltou para dentro.

— É teu afilhado? Por um minuto achei que fosse teu filho!

— Não, é filho da minha irmã, pedi a ela que desse a ele teu nome.

O nó na garganta de Antenor se desfez, o alívio em saber que não havia perdido Rosário de novo percorreu seu corpo. Ele a abraçou de novo.

— Tenho tantas coisas pra te contar. — Ela colocou as mãos em seu rosto. — Alguma coisa dentro de mim sempre disse que você estava vivo e que voltaria.

— Como vieram pra cá?

— Depois que os maragatos assaltaram o casarão, conseguimos fugir com um pouco de dinheiro antes deles atearem fogo em tudo. Um parente distante do meu pai mora aqui nesse povoado, viemos pra cá e recomeçamos. Eu juro que tentei, tentei de tantas formas te procurar...

Ele tirou do bolso a medalhinha.

— Eu te prometi que traria ela de volta.

Antenor colocou a medalhinha no pescoço dela.

— Sempre soube que ela te traria de volta.

— Me perdoa, todos esses anos fiquei pensando que nunca mais tu me perdoaria, por ter ido.

— Não há o que perdoar. — Ela o beijou. — Tenho tanta coisa pra te contar, meu amor.

— Tu tem todo o tempo do mundo, minha prenda!

Antenor pegou Rosário no colo e a começou a carregar pra dentro de casa.

— Venham ver! Antenor voltou! — gritou Rosário para que a família pudessem vir encontrá-los.

O sol se pôs, as promessas se cumpriram e, finalmente, as açucenas puderam florir de novo.

Já Se Foram Quase Cinquenta

AUTORIA PATRICIA DE CAMPOS OCCHIUCCI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Professora, poeta, escritora e psicóloga, natural de Santo André, reside no interior de São Paulo, na cidade de Mogi Guaçu. Autora do livro Poética(mente), publicado pela editora Ases da Literatura de Portugal. Participou de publicações pela Editorial Eco Literário, Elemental Editoração, Psiu Editora, Artner, dentre outras. Também de lançamentos das revistas Tremembé, Alcatéia, SerEsta e Ecos da Palavra. É colaboradora da revista eletrônica BlahPsi.

Na época do namoro de portão
Do respeito, só de mãos dadas
A espera judiava um coração
Baile de garagem na parada
The Beatles tocava na rádio pião
Ela, cada vez mais apaixonada
Era moça de família, e a tradição
Fazia dela cortês, muito recatada
Sem demonstrar com efusão.
O flerte, de longe, acontecia
O contato, mais demoradamente
Na vitrola, a voz do John aparecia
E a do Paul, casava perfeitamente
Trilha do novo casal que nascia
Dos meus pais, e de mais gente.



Carta-Lembrete ao Amor dos Séculos

AUTORIA NINA M. P. DE BRITTO

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Nina é uma autora iniciante que adora percorrer gêneros e combinar palavras, buscando as misturas mais inusitadas. É apaixonada por pores do sol, brisa do mar e todo tipo de verde. Cafés, bichos e músicas são algumas de suas companhias preferidas.

– O Destino, tu contas;
Tu não foges dele.

Por isso escrevo-te este lembrete,
Amor meu,
Para que saibas
Quais tramas
Que tecem nossos dias.

E que conheças dos átomos,
Reunidos em nossa
Singular sintonia.

Pois a verdade é
Que, por entre os séculos,
Nós nos amamos,
E que batalhas tantas
Nos arrastaram.

Amor meu,
Meu desejado,
Por entre bosques
Da Britânia longe
Nós brincamos.

Seus rios fundos
E gelados,

As testemunhas
De nossos enlaces.

E quando Alexandre,
O Grande,
Convocou-te para a batalha,
Deixaste-me só
E inconsolável.

Pois que um milênio
Antes disso,
Do Egito opressor
Nós fugimos,
Mão em mão,
Com milhares e Moisés,
Pelos desertos.

Amado meu,
Que pelas névoas do tempo
Permaneceu,
Saiba que,
Se uma vez mais renascemos,
Eu novamente te desejo.

Não há rastro ou pó
Em que o tempo nos transforme,
Que arranque de nós



Esta sina,
De um amor que permeia
As dez Eras.

Marco Polo em ti também confiava,
E os cantos
Da Ásia Central
Contigo explorava.
E por isso eu te vi,
Com meus olhos pretos e discretos,
E nos amamos
Pelos vales do Himalaia.

Destinos cruzados ainda antes,
Em campos de colheitas novas,
Em terras do Norte.
Destino antigo,
Século após século
Restaurado.

Quando tínhamos duas almas
Unidas em um só corpo,
Apenas.
Quando sentia o teu sangue
Correndo em minhas próprias
Veias.

E via em teus olhos
O meu reflexo.
E ouvia de tua boca

Aqueles meus
(nossos) pensamentos.
Viemos pelos séculos,
Meu amado,
Vendo batalhas,
E conquistas,
E revoluções.

Fugindo de pragas,
Pestes,
De bandidos,
E execuções.

Para nos reencontrarmos,
Vez após a outra,
Em diversas línguas
Que compartilhamos.

Vasco da Gama serviu-te
Às tuas ambições.
E mais tarde queimaste,
Meu amor infeliz,
Em fogueiras de Inquisições.

Mas tempo e espaço
Vêm e vão,
Incapazes de nos enquadrar.
Esse nosso amor
É laço de almas,
E nos prende,

Sem nos afogar.
Segredo selado há milênios,
Talvez até mais,
Em terras hoje estrangeiras,
De reis e rainhas,
De papas imperiais,
Há muito enterrados.

Amor meu,
voamos no tempo,
Ele não nos prende.
Passamos da vida à morte,
E então tudo novamente.

A lembrança adormecida,
Em calor latente,
Do que um dia fomos nós,
Já por inúmeras vezes.

E então cruzamos o olhar,
Em um belo dia novo,
Dizemos a palavra correta,
Tal senha antiga, secreta,
Que desvenda o mistério
Das tantas vidas outras.

E nos encantamos,
Uma vez mais,
Durante a vida então presente,
Amarrados que estamos,

Por fios de ouro, prata e serpentes,
Ao ciclo terno
De um amor permanente.

Considero inútil
Qualquer tentativa de luta,
Contra as tramas insondáveis
Do Destino.

Contra a rede tecida ainda,
No início dos tempos,
Por fiandeiras divinas,
Em leis incontestáveis.

Vi-te, assim, tombar à minha frente,
Sedento por vida e piedade.
Por mais de uma vez,
Que foste soldado,
E foste guerreiro,
Em mais de uma tribo,
Em mais de um império,
Por séculos sem fim.

Vi esse nosso amor se partir,
Cruzado pelos choques das espadas,
E mais tarde pelos tiros de canhão.

Por bexigas
E todo tipo de epidemias,
Que nós vivemos,
Juntos,

Meu eterno amado,
Amigo e irmão.

O horror de Hiroshima,
Tu e eu
testemunhamos.
Ao fim da Guerra,
Nosso amor imprimiu
Um beijo mortal,
Sobre as paredes quase ocas,
De nossa casa e quintal.
– Qual foto infeliz!

Mas novas décadas correram,
E nos encontramos,
Meu querido,
A salvo de alguns
Desses perigos.

E sempre com outros
A lidar.

E pudemos nos ver,
E nos falar.
Reconhecemo-nos,
Enfim,
Novamente.

E por isso eu aguardo,
Nessa nova chegada de milênio,
Sua constante e doce,
Familiar presença.

Salmo 86

AUTORIA T. F. REYNARD

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Patologista com sol em Gêmeos, ascendente em Câncer e tendência a falar muito sobre romances de época, poetas de guerra e a Primeira Guerra Mundial. Quando não está tentando entender algo no microscópio, está pensando sobre o que pode escrever. De vez em quando, se os astros estiverem alinhados, também desenha.

Um padre, um médico e um cadáver se encontraram no meio da França...

Nossos encontros sempre começavam assim: como o início de uma piada ruim. Um padre e um médico carregando corpos no meio da noite, o médico para cavar a cova e o padre para administrar os últimos ritos aos mortos.

Apesar dos nossos encontros noturnos, o trabalho oficial era diurno, junto da unidade do Diretório de Registro de Túmulos nos arredores da cidade de Albert: eu acompanhava o padre em busca dos cemitérios improvisados, registrando nomes e locais, realizando exumações quando necessário. O padre passava esse meio tempo cuidando das papoulas que insistiam em nascer no solo remexido pela guerra. O nosso fotógrafo chegava depois para eternizar os túmulos em filme. E, por último, vinha o administrador, que comparava os meus registros aos dele, arrumava uma coisa aqui ou ali, e se preparava para escrever para as famílias, enviando junto as fotos dos túmulos.

O ofício noturno, apenas meu e do padre, consistia em encontrar pessoas que, em geral, não deveriam ser enterradas nos cemitérios militares ou que, quando acabavam neles, paravam em covas distantes ou anônimas, como se estivessem eternamente de castigo: desertores. O padre ia atrás deles, onde haviam morrido ou onde um fazendeiro bondoso os enterrara, e os levava para junto de seus companheiros. A primeira vez que participei dessa atividade, pouco mais de três meses antes, eu não entendia como o padre podia usar o pequeno e precioso tempo que tínhamos de folga para continuar trabalhando, mas isso foi até uma carta chegar da Inglaterra: uma jovem agradecendo as informações e o desenho do túmulo de seu noivo. Depois dessa, vieram muitas outras.

Por isso, não hesitei em seguir o padre naquela noite sob a garoa, vendo ao longe os clarões iluminarem o céu na linha de frente de batalha. Ele sabia aonde estava indo e logo encontrou um corpo caído debaixo de uma árvore. O rosto desfigurado contava a história de alguém que havia decidido tomar o caminho mais

rápido para escapar do inferno que os homens haviam criado na terra.

Um padre, um médico e um cadáver se esgueiraram para dentro de um cemitério durante a madrugada.

Sob as luzes de nossas lanternas, examinamos o cadáver. Encontrado o disco de identificação, passei ao meu serviço de cavar a cova, e o padre ao seu de ter uma última conversa com o morto. Depois, nós o aninhamos na mortalha e o colocamos em sua nova casa de terra e lama. Uma pedra foi usada para marcar o local até uma nova cruz ser confeccionada. Exceto para nós e para a família, que receberia uma carta do padre em algum momento, ele seria “um soldado da Grande Guerra, conhecido somente sob os olhos de Deus”.



Em uma noite como aquela, pernoitávamos na fazenda mais próxima do cemitério onde havia ocorrido o sepultamento. Naquela noite, uma cama de casal, uma banheira de água quente, um lampião e alguns pães e bolos nos esperavam.

— Senhor, eu pedi um quarto e o senhor me deu um palácio — falei, rindo e suprimindo a vontade de me jogar na cama quando chegamos.

— Eu disse que rezar um pouco iria ajudar.

— Que ruim para ti, pois eu não rezei. — Ri ao ver a careta no rosto do padre enquanto ele retirava o uniforme.

A verdade era que eu nunca aprendera a rezar, e todas as minhas tentativas foram frustradas. Mas eu tentava. Comecei a tentar depois que conheci o padre, mas não sabia se havia começado porque ele me inspirara ou porque encontrara nele um assunto para as preces.

Uma vez dentro da banheira, fechei os olhos e me deixei relaxar. Ao fundo, o ruído incessante da linha de frente nos lembrava do que estava ocorrendo a poucas milhas dali. *Et in Arcadia Ego*, mesmo que um quarto de hóspedes em uma fazenda estivesse longe de ser um paraíso.

— Você acha que algum dia vão conseguir encontrar todo mundo? — o padre perguntou.

Eu encolhi os ombros. Provavelmente não, mas não queria estragar o possível otimismo dele. Senti os dedos dele em meu rosto, erguendo-o e passando a outra mão molhada pelos meus cabelos, sem muito sucesso em penteá-los. Eu me segurei nas beiradas da banheira e deitei até sentir a água bater na minha cabeça. Fiquei naquela posição, cuidando para não pegar no sono e engolir água, enquanto o padre voltava a desembaraçar meus cabelos sob a água.

— Preciso contar uma coisa.

Um ardor subiu pela minha garganta e passei a ouvir meu coração nos ouvidos. Era engraçado como uma bomba errada explodindo no meio do meu cemitério não me causava aquela sensação horrível que meias palavras e o futuro traziam.

— O que foi? — Voltei a me sentar na banheira.

O padre se ajoelhou e ergueu a mão para segurar entre os dedos a medalha de Santo Antônio que eu carregava comigo, um presente da minha mãe. Como anglicano, havia outros santos aos quais ele prestava mais reverência, mas o padre havia aprendido a respeitar o meu apreço, herdado de uma mãe católica, a Santo Antônio. Depois, ele ergueu a mão novamente. Senti a palma quente e molhada na minha bochecha, o polegar afagando a maçã do rosto e a ponta dos dedos em algum lugar atrás da minha orelha e mandíbula. Inconscientemente, fechei os olhos e fui agraciado por um beijo na testa, delicado e lento. Eu quase podia ouvir a oração silenciosa entre os lábios dele e a minha pele.

— O que foi? — repeti, deixando minha voz sair mais fraca.

— Vão mandar meu regimento para outro lugar. — A queimação na garganta virou um buraco no estômago. — Para a Grécia.

Fixei o olhar no topo dos meus joelhos, visíveis sobre a água enquanto mantinha as pernas dobradas, observando a cicatriz de um acidente com um pedaço de morteiro que poderia ter comprado minha passagem de volta para a Inglaterra ainda no início da guerra. De vez em quando, o padre se perdia, arrastando os dedos por aquela cicatriz.

— Thomas — ele chamou e me fez pular dentro da água.

Eu o encarei por um longo momento e ri.



— Sabia que na primeira vez que te vi, pensei que você fosse o cantor de “*Keep the home fires burning*”?

— E sabia que na primeira vez que te vi eu pensei “eu não acredito que mandaram para cá um médico que não sabe tratar pacientes”?

Nós rimos até eu perceber que estava chorando também. O padre se despiu e se esgueirou para dentro da banheira. Era um pouco apertada para dois homens adultos e a água já estava esfriando e ficando turva, mas eu podia me aninhar no meio das pernas dele e sentir o peito dele contra as minhas costas, então não fazia muita diferença.

— Eu entendi depois — ele murmurou ao meu ouvido. — Que você faz algo que pouca gente faz. Todo mundo pensa em matar aqui, poucos pensam no que fazer com o que sobra. E eles merecem ser tratados com o mínimo de dignidade.

— Sim, mas não foi nenhuma ideia nobre que me fez vir, padre. — Os braços dele me apertaram de leve. — Eu só queria parar de receber penas brancas e olhares feios na rua. E, como já conversamos, eu não queria pegar em armas. Não faz sentido para mim.

— Isso não tira a coragem da sua decisão.

Eu afundei um pouco na água, pensando que poderia estar me afundando nas palavras dele.



Depois de limpos, secos e enfiados nas ceroulas, eu fui para a cama e o padre foi se ajoelhar ao lado para rezar. Faltava pouco para amanhecer, e só Deus sabe quanto tempo para o regimento dele ir embora.

— Eu nunca aprendi a rezar de verdade — murmurei enquanto observava a cabeça curvada e as mãos entrelaçadas. — Sei orações, mas sempre parece falso quando tento essa de... conversar com Deus.

Ele me olhou e se levantou, subindo na cama e se deitando ao meu lado. Senti as mãos dele nas minhas e deixei meus dedos se entrelaçarem nos dele.

— Saber uma oração pronta é um começo. — Estávamos deitados de frente



um para o outro, as mãos unidas entre nós. A luz bruxuleante do lampião estava baixa e, de onde eu estava, fazia o rosto dele ficar quase encoberto pelas sombras. — Mas rezar com as próprias palavras... bom, é uma conversa. E, na verdade, nem precisa de palavras, se você não quiser.

— Não faz sentido conversar com alguém que, em teoria, sabe de tudo — resmunguei.

— Ele talvez saiba, mas você não. Rezar é um momento de colocar as coisas na mesa e se expor a Ele — o padre falou. — Mas ao se expor a Ele, você está expondo a si mesmo e passa a entender melhor o que está acontecendo. Além disso... é um jeito de se aproximar, não? Deus pode saber sobre você, mas a partir do momento que você chama a atenção para falar com Ele, você está ativamente se aproximando e fazendo Ele te olhar e te ouvir.

Talvez eu não quisesse chamar a atenção de uma força maior. Talvez eu não quisesse chamar a atenção dos meus próprios pensamentos para mim mesmo. Talvez fosse por isso que era tão fácil seguir dia após dia indo de um cemitério a outro, ocupado em pensar sobre os nomes dos mortos, os locais das lápides, as cartas que deveriam ser escritas para os familiares e, antes da guerra, em lâminas de histologia e os corpos a serem dissecados: eu podia sumir ali no meio e, conseqüentemente, não colocar as coisas na mesa, não me expor.

Seguindo o hábito de tentar sumir no meio de algo, minha próxima pergunta foi a seguinte:

— Pelo que você rezaria nesse exato momento?

Vi a sombra dos lábios do padre ficar tensa e suas sobrancelhas franzirem. Seus dedos nos meus pararam com as carícias leves. O silêncio durou mais tempo do que o esperado.

— Eu queria pedir para ter a oportunidade de te ver novamente quando a guerra acabar — ele falou e algo em sua voz estava estranho, tenso. — Mas... eu tenho medo de pedir por isso e acontecer o oposto. Como já aconteceu.

— William — murmurei, soltando uma mão para segurar o queixo dele. — Ninguém morreu nessa guerra porque você queria que eles ficassem seguros. Achei

que já havíamos passado por essa conversa, mas não foi você que colocou uma arma na mão de todos esses homens e os colocou para cavar trincheiras. Pedir pela segurança de alguém que você ama não vai fazer um raio cair na cabeça dela.

Na primeira vez que o padre e o médico se esgueiraram por um cemitério no meio da noite para enterrar um cadáver que não deveria estar ali, o cadáver em questão era alguém que havia sido o assunto de várias preces do padre: o que começou como “Mantenha-o seguro”, “Faça com que ele volte”, “Por favor, traga alguma notícia” virou “Faça com que ele não seja apanhado”, “Se alguma coisa aconteceu, faça com que tenha sido rápido” e “Me ajude a encontrar o corpo dele”. No fim da história, o homem em questão não foi apanhado por desertar e o corpo dele foi encontrado. O que o padre não havia previsto para incluir em suas preces era a possibilidade de não ser uma bala alemã ou um pelotão de execução os responsáveis por selar o destino desse homem, mas a pistola que ele mesmo carregava.

A voz dele veio baixa e eu já não sabia se quem estava falando era o padre ou apenas William. Diferente de outras vezes em que o ouvi rezar ou pregar, ele não agradeceu pela coragem dos homens que estavam nas trincheiras e não pediu pela proteção do rei e dos oficiais, nem pela derrota dos inimigos. Quase que sussurrando para as nossas mãos, ele agradeceu por ter encontrado e enterrado o corpo desconhecido que havíamos sepultado naquela noite, pelas horas que havíamos passado juntos e pela minha presença nos últimos meses.

— Senhor, por favor, cuide dele enquanto eu estiver longe. Ajude-o a encontrar quem precisa ser encontrado, mas o proteja, desvie qualquer coisa que o possa acertar e faça com que ele não tenha ideias idiotas de se aventurar perto demais de qualquer linha de frente. — Ele riu, fraco. — Se for preciso, segure a mão dele na hora de cuidar de quem precisa, até porque faz tempo que ele não trata de um paciente inteiro e vivo. — Foi a minha vez de rir, antes de erguer as mãos e beijar os dedos dele. — Proteja-o e me ajude a encontrá-lo quando tudo isso acabar, do mesmo jeito que ele consegue encontrar os homens desaparecidos debaixo da terra. Mas me ajude a encontrá-lo vivo e bem.

O padre se esticou até estar com a testa grudada na minha, ainda murmu-

rando as últimas palavras de sua prece. Eu fechei os olhos e apertei as mãos dele entre as minhas, sentindo sua respiração em meu rosto. Então, fiz algo arriscado: imaginei um depois, que incluía encontrar o padre William Clark na cidade de domos e torres douradas onde ele morava, caminhar na beira de um rio e terminar o dia em um quarto que não ficasse no meio de uma zona de guerra. Depois, lembrei de uma das primeiras coisas que vi quando cheguei em Albert: a torre da basílica onde a estátua dourada da Virgem Maria segurando o bebê Jesus estava tombada, pendurada em um ângulo de mais de 90 graus. Então, arrisquei um pouco mais: pedi para que aquela situação acontecesse. “Por favor,” pensei. “Por favor, me deixe encontrar esse homem de novo. Ele me faz feliz mesmo no meio do inferno na Terra e ele me fez ter esperança por tempo suficiente para estar pedindo isso. Ele não pensa que eu sou um covarde e só o ouvindo foi que percebi que eu mesmo me considerava assim. Por favor, me deixe ver esse homem vivo e bem de novo depois do fim da guerra”.

— Você estava rezando?

— Acho que sim.

— Você estava fazendo careta. — O padre riu e beijou meu rosto. — Posso saber se pediu algo?

— Pedi para Ele derrubar logo a Virgem Pendurada da basílica — falei e ele riu.

A estátua tombada pelos primeiros bombardeios alemães e ainda pendurada pelo pedestal na torre da basílica já havia até virado cartão postal. Os homens falavam que a guerra terminaria quando a Virgem fosse derrubada por completo. Alguns diziam que quem a derrubasse seria o perdedor.

— E para ver você são e salvo em Oxford um dia. Quero que você me leve para andar de barco no rio Isis e quero que você me ensine como é rezar sem palavras.

O padre passou os braços pelos meus ombros e me abraçou. Bem baixinho, próximo ao meu ouvido, a voz dele soou:

— Amém.

Entrevista com Lari Macedo

AUTORIA ANA FERRARI

REVISÃO THAIS ROCHA



Ana Ferrari consome romance de café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar. Quando não está procrastinando, está escrevendo histórias sobre seus vícios favoritos como forma de justificar nunca ter superado sua fase fangirl.



Tudo começou alguns dias antes do evento POC CON 2024 em São Paulo, quando comecei a procurar nas redes sociais quais artistas estariam no evento e fazer uma lista do que eu me interessaria em ir conferir pessoalmente. Foi aí que encontrei o perfil da Lari Macedo, e foi a primeira vez que ouvi falar sobre seu quadrinho *O Retrato Inacabado de Madame Bardin*. Logo de primeira já achei os traços da arte lindos e a ideia de um quadrinho com a temática LGBTQIAPN+ e de romance histórico me lembrou na hora da, na época, futura edição da Maçã do Amor.

Contudo, foi quase que sem querer que encontrei a mesa da Lari no evento, mas reconheci o quadrinho na hora, e fiquei mais do que feliz de garantir minha cópia autografada!

O que acontece quando duas mulheres se apaixonam em 1880?

Essa é a premissa do quadrinho *O Retrato Inacabado de Madame Bardin*. Nele, acompanhamos duas historiadoras da arte descobrindo através de antigos

diários que o conhecido pintor Francis Duval era, na verdade, uma mulher se utilizando de um pseudônimo, e que seu famoso quadro o *Retrato Inacabado de Madame Bardin* tem uma história muito interessante.

Em paralelo, acompanhamos em 1887, a história da artista Fran (Francine e não Francis), contratada para fazer o retrato de Madame Charlotte Bardin, uma mulher casada, por quem acaba se apaixonando.

Devorei a HQ em uma única sentada, me apaixonando facilmente pelas duas mulheres em 1800 que, apesar da época em que vivem, não se deixam vencer pelas expectativas da sociedade e continuam encontrando formas de seguirem seus sonhos, e me identificando com as historiadoras que se viram no dever de dar voz para uma artista silenciada pelos preconceitos de seu tempo.

Além disso, os traços e as cores utilizadas deixam a história ainda mais prazerosa de ler, variando entre o colorido para o tempo atual e um tom sépia para o passado, os traços da Lari me deram uma sensação gostosa, misturando um toque de simplicidade com detalhes que dão vida às personagens.



AH! COMO VOCÊ
ENCONTROU ESSE LUGAR,
SENHORITA? É COMO SE
FOSSSE UM PEDACINHO DE
PARIS SÓ PRA NÓS.

SENHORITA?
ACHEI QUE EU
AGORA FOSSE
FRAN.

DESCULPE!
FORÇA DO
HÁBITO.

NÃO PRECISA
SE DESCULPAR.

ENTÃO,
FRAN...

COMO É SER
UMA MULHER DE
VÁRIOS NOMES?



É claro que nem tudo pode ser perfeito, e a história acaba com gostinho de quero mais e a promessa de um próximo volume, o que me fez revirar as redes sociais da Lari atrás de spoilers — ansiosa, eu? Imagina! —, mas a busca valeu a pena, pois no Instagram encontrei vídeos de uma versão *live action* do quadrinho, e ver trechos da histórias traduzidas para outra forma de mídia foi muito bacana.

Tendo confirmado que *O Retrato Inacabado de Madame Bardin* se encaixava perfeitamente na edição Histórico da Maçã, só me faltava entrar em contato com a autora e saber se ela teria interesse de conversar com a gente um pouco sobre seu trabalho, e para nossa grande alegria, ela disse sim!

Então, o que me resta a dizer é: bem-vinda à Maçã, Lari!

MdA: Primeiramente, conte um pouco sobre você!

LM: É até difícil de definir quando foi que comecei a desenhar, porque desde que me entendo por gente, essa é minha atividade favorita. Ainda com 10 anos, comecei a criar meus primeiros personagens, escrever histórias e fazer quadrinhos. Eu gostava de começar uma história sem saber como ela ia terminar, e ir descobrindo à medida em que ia desenhando cada quadro.

Me formei em Gravura pela UFRJ e em Design Gráfico pelo IBMR. Hoje em dia, trabalho com encomendas, ilustração editorial e *storyboard* para publicidade e animação. Além disso, sou professora de desenho para crianças e pré-adolescentes, de 6 a 12 anos.

Fui publicar meu primeiro quadrinho em 2019 e, até hoje, já escrevi e ilustrei 5 quadrinhos, dos quais *Um Quadrinho pra Falar de Vaginismo* foi finalista do troféu HQMix de 2023.

Nas minhas horas vagas, gosto de jogar jogos como Pokémon, Stardew Valley e jogos de puzzle; ler livros e quadrinhos e andar de patins.

MdA: De onde surgiu a ideia do seu quadrinho *O Retrato Inacabado de Madame Bardin*? Conte-nos um pouco da inspiração para a história e as personagens!

LM: A ideia para o *Madame* surgiu depois que eu assisti o documentário *Fake or Fortune* da BBC. Nesse programa, eles avaliam a autenticidade de obras de arte sem assinatura, para determinar se são mesmo de mestres da pintura. Essa premissa me intrigou e, como sempre, fui atraída por histórias que se passam em dois momentos no tempo, anotei no meu bloco de notas: “uma pintora em 1800 que precisava usar um nome masculino para vender suas pinturas” e “uma historiadora tentando provar que era uma mulher que pintava esses quadros”. Foi a partir daí que comecei a desenvolver os rascunhos rudimentares do *Madame Bardin*. Durante muito tempo — provavelmente mais de um ano! — essa ideia ficou adormecida, anotada junto de várias outras no meu celular. Eu achava que precisava explorar muito a parte técnica da pintura, assim como o documentário faz, para poder levar a história adiante. Foi só quando eu tive o estalo de que o foco principal da história seria um romance entre a pintora e sua modelo que eu consegui destravar e continuar levando a história adiante. A inspiração para o romance veio de *O Retrato de uma Jovem em Chamas* e de *Carol*, dois filmes sáficos de época que eu amo.

MdA: E o que te motivou a colocar essa ideia no papel?

LM: Para mim, o principal argumento do *Madame Bardin* sempre foi ser uma história LGBTQIAPN+ com um final feliz. Desde que eu era adolescente, eu já escrevia romances, mas foi só à medida que fui me descobrindo como bissexual que encontrei uma voz e um propósito maior para minhas histórias. Nós da comunidade LGBTQ+ sempre existimos no mundo, e não existimos somente com um pano de fundo trágico. Espero que a relação de Fran e Charlotte traga um pouco de esperança, apesar de também evidenciar o tanto que mudou no nosso mundo, mas, principalmente, o que ainda precisa ser mudado em relação a preconceitos e LGBTfobia.

MdA: Qual você acha que foi seu maior desafio sobre escrever a história da Fran e da Charlotte?

LM: Sendo meu primeiro quadrinho de mais de 100 páginas e muito focado nas relações humanas, a parte onde mais me senti desafiada foi ao criar os diálogos. Eu queria dar um tom às falas que não quebrasse a imersão de ser um romance histórico, mas que ao mesmo tempo não fosse de uma formalidade tão grande a ponto de afastar os leitores. Além disso, eu diria que as sutilezas são o fio condutor dessa história, então, escolher o que colocar em palavras e o que representar no desenho é um dos equilíbrios mais difíceis de conseguir.

MdA: Qual a sua parte favorita nessa história?

LM: Do Volume 1 do quadrinho, a cena do bar, com toda certeza. Fiquei maravilhada quando descobri que existiam bares LGBTQ+ em 1887, e foi um prazer enorme traduzir todo o ambiente da época, a atmosfera do lugar e os trajes para o desenho — em especial na cena da sacada e todas as interações das duas ali, que era um momento da história que já estava decidido com muita certeza desde os primeiros rascunhos.

Do Volume 2, respondo apenas que o arco de personagem da Charlotte é minha parte favorita — confesso que também a Charlotte é a minha favorita do quadrinho (me desculpe, Fran!).

MdA: Achei muito legal que o quadrinho ganhou um *teaser live action*! Como foi o processo de trazer à vida essas personagens?

LM: Espetacular! Me sinto muito sortuda e grata por ter tido essa oportunidade e amigos tão incríveis quanto os que deram vida ao quadrinho.

Eu trabalhei junto com Lucas Maia, diretor do *teaser* e meu amigo pessoal, para podermos pensar em como traduzir as principais cenas do quadrinho para a tela de modo a contar as principais partes das histórias. Nossos maiores desafios foram, com certeza, a locação e o figurino, mas ambos conseguimos resolver muito bem.

Também precisei de uma boa dose de desapego, porque, apesar de ser autora da história,

entendi que aquela era uma adaptação para outra mídia e confiei completamente no diretor, na equipe e nas atrizes. Estive presente no set de filmagem e poder ver minhas duas personagens sendo interpretadas tão bem e interagindo na vida real foi uma alegria que não coube dentro de mim!

MdA: Quais são seus planos futuros para o *Retrato Inacabado de Madame Bardin*?

LM: Tenho planos de lançar o segundo e último volume impresso no primeiro semestre de 2025! Espero contar com o apoio de uma segunda campanha de financiamento coletivo para poder viabilizar a impressão e, quem sabe, também outro *teaser*?

Além disso, gostaria muito de ver uma versão traduzida do quadrinho, para ser republicada como webtoon.

Também pretendo dar seguimento à história em formato de tirinhas, assim como foi feito na coletânea *Os Rascunhos Perdidos*, dessa vez com um tom mais voltado pro humor.

MdA: Você teria recomendações para leitores procurando mais romances históricos LGBTQIAPN+?

LM: Com certeza! Alguns dos livros que li e me inspiraram para escrever o *Madame* foram *Carol*, de Patricia Highsmith; *The Heiress*, de Molly Greeley (baseado em alguns personagens de *Orgulho e Preconceito*); *A Canção de Aquiles*, de Madeline Miller; e minha leitura favorita do ano passado: *A Noite Passada no Telegraph Club*, de Malinda Lo.

MdA: Tem algum conselho para artistas e autores escrevendo romances históricos?

LM: O que me ajudou bastante foi a pesquisa que fiz para o desenvolvimento visual do *Madame*. Para algumas referências de ambientes, eu usava pinturas da época;

para trajes, eu assisti vídeos do YouTube que mostravam as vestimentas corretas de cada década em detalhes.

Como para qualquer outro tipo de história, também é sempre bom ter referências de autores e de artistas que escrevem ou desenham histórias com as quais você se identifica. Sinto que é mais fácil de entender o que eu quero fazer quando entendo o que eu gosto e admiro.

Por último, encontrar o tom certo da narrativa me ajudou muito! No *Madame*, eu quis manter elementos fieis à época, mas também deixar alguns detalhes anacrônicos passarem (por exemplo alguns dos trajes, dar um pouco mais de independência às personagens e as ideias bastante modernas da Fran). Estar consciente dessa escolha foi importante para mim.

MdA: Onde podemos te encontrar nas redes sociais e acompanhar seu trabalho?

LM: Em todas as redes sociais como @lariarts ou Lari Macedo! Sou mais ativa no Instagram, Twitter e TikTok. Vocês podem encontrar também meu portfólio no site lariarts.com e acessar minha lojinha para adquirir meus quadrinhos! Também estou sempre disponível por DM.

Obrigada, Lari, por aceitar nosso convite e participar dessa edição da Maçã! Já estamos ansiosas para o próximo volume e continuaremos acompanhando a história das mulheres de *O Retrato Inacabado de Madame Bardin*.



Apoie a revista


Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Compartilhe uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 revistamacadoamor.com

 [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)

Créditos

Edição Ana Farias Ferrari
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis

Revisão Camila Paixão
Thais Rocha

Design Rafael Moreira

Selecionados Amanda Fievet
Elisa Roveda
Nina M. P. de Britto
Patricia de Campos Occhiucci
T. F. Reynard

Entrevistada Lari Macedo

Apoiadores Ariane Barreto Haagsma
Elizabeth Fortunatti Albregard
Érulos Ferrari Filho
Igor Canko Minotto
Willian Miyasaka